

CONTOS DE MACHADO DE ASSIS

*SHORT STORIES BY
MACHADO DE ASSIS*



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
STATE UNIVERSITY OF CAMPINAS

Reitor / *Rector*
PAULO CESAR MONTAGNER

Coordenador Geral da Universidade
General Coordinator of the University
FERNANDO ANTONIO SANTOS COELHO



Conselho Editorial / *Editorial Board*

Presidente / *President*
EDWIGES MARIA MORATO

CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO – DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN
FREDERICO AUGUSTO GARCIA FERNANDES – IARA BELELI – JOSÉ DARI KREIN
MARCO AURÉLIO CREMASCO – PEDRO CUNHA DE HOLANDA
SÁVIO MACHADO CAVALCANTE – VERÓNICA ANDREA GONZÁLEZ-LÓPEZ

CONTOS DE MACHADO DE ASSIS

*SHORT STORIES BY
MACHADO DE ASSIS*

PORTUGUÊS / INGLÊS
PORTUGUESE / ENGLISH

INTRODUÇÃO / *INTRODUCTION*
SABRINA SEDLMAYER

E D I T O R A
U N I C A M P

As76c Assis, Machado de, 1839-1908.
 Contos de Machado de Assis = Short Stories by Machado de Assis
 / Machado de Assis ; introdução: Sabrina Sedlmayer ; tradução: Peter
 Edwards, Rafa Lombardino e Daniel Erlich – Campinas, SP : Editora
 da Unicamp, 2026.

Edição bilíngue: português e inglês.

1. Assis, Machado de, 1839-1908. 2. Literatura brasileira. 3. Con-
tos brasileiros. 4. Ficção brasileira. 5. Século XIX. I. Sedlmayer,
Sabrina, 1968-. II. Edwards, Peter. III. Lombardino, Rafaela, 1980-.
IV. Erlich, Daniel. V. Título.

CDD - B869.933

- B869.9

- B869.35

ISBN 978-85-268-1937-5

Copyright © Introdução / *Introduction* by Sabrina Sedlmayer

Copyright © 2026 by Editora da Unicamp

As opiniões, hipóteses, conclusões e recomendações expressas
neste material são de responsabilidade dos autores e não
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

*The opinions, hypotheses, conclusions, and recommendations expressed
in this work are the sole responsibility of the authors and do not
necessarily reflect the views of Unicamp Press.*

Direitos reservados e protegidos pela Lei Brasileira nº 9.610 de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

*All rights reserved and protected under the Brazilian Law no. 9.610
of February 19th, 1998. Total or partial reproduction is prohibited
without written authorization from the copyright holders.*

Depósito legal na Biblioteca Nacional.

A catalogue record for this book is available from the National Library (Brazil).

Todos os direitos reservados / *All rights reserved*

Editora da Unicamp / *Unicamp Press*

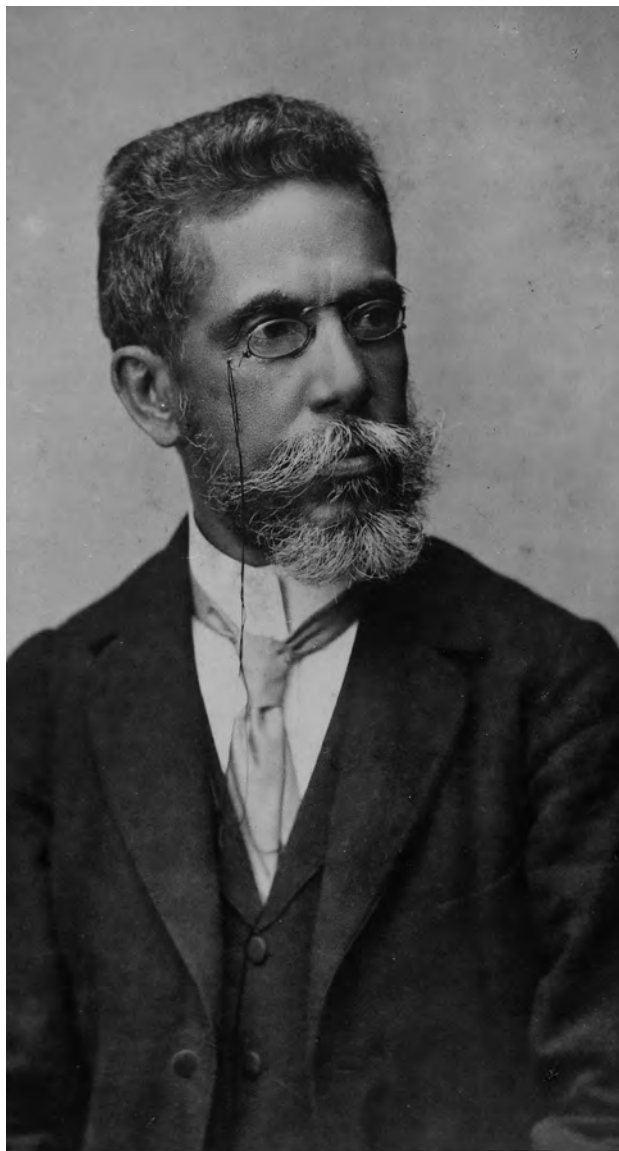
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3ª andar

Campus Unicamp

CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil

Tel.: (19) 3521-7718 / 7728

www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br



SUMÁRIO

CONTENTS

Introdução / <i>Introduction</i> – Sabrina Sedlmayer	
Engrenagens da prosa machadiana	8
<i>The Mechanisms of Machadian Prose</i>	9
 Pai contra mãe	34
<i>Father Versus Mother</i>	35
 Capítulo dos chapéus	66
<i>The Chapter of Hats</i>	67
 Um homem célebre	104
<i>A Celebrated Man</i>	105

INTRODUÇÃO

ENGRENAGENS DA PROSA MACHADIANA

Sabrina Sedlmayer

O mais reconhecido romancista do século XIX e um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos era negro e de origem pobre. Recuperar esses dois dados biográficos nos permite compreender um duplo movimento: Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) não só rompeu a redoma do cânone literário de sua época, impondo-se como uma voz radicalmente talentosa e singular, como também conseguiu se infiltrar no coração da elite econômica e social brasileira para implodi-la de dentro para fora através da linguagem. Esse trajeto, no entanto, nunca foi sereno. Como pontua Hélio de Seixas Guimarães, grande parte dos leitores e críticos do século passado questionavam como o escritor chegou aonde chegou, enxergando um descompasso perturbador entre a sua origem modesta e as suas excepcionais realizações: “Por que genial, se negro e pobre? Por que negro e pobre, se genial?”.¹

Poeta, cronista, contista, comediógrafo, crítico e, notoriamente, romancista, Machado de Assis produziu uma obra imensa, multifacetada, irregular e desafiadora. A principal marca de sua escrita, a ironia – ferramenta sofisticada que aqui definimos como um tropo do pensamento –, não enuncia somente o

INTRODUCTION

THE MECHANISMS OF MACHADIAN PROSE

Sabrina Sedlmayer

The most celebrated writer of the nineteenth century Romantic movement in Brazil and one of the most important Brazilian writers of all time was Black and of poor origins. Remembering these two biographical details allows us to understand a double movement in his career. Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) not only shattered the bell jar of the literary conventions of his era, establishing himself as a radically talented and original voice, but also succeeded in penetrating the heart of the Brazilian economic and social elite to blow it up from within through language. His trajectory, however, was never serene. As Hélió de Seixas Guimarães notes, many of the readers and critics of the last century questioned how the writer achieved such great success, observing the disturbing disconnect between his modest beginnings and his exceptional accomplishments: “Why brilliant, if Black and poor? Why Black and poor, if brilliant?”¹

Poet, columnist, short story writer, playwright, critic and, notably, a Romanticist, Machado de Assis produced an immense, multifaceted, irregular and challenging body of work. The hallmark of his work is irony – a sophisticated mechanism that we will define here as a trope of thought. It not only states the opposite of

oposto do que se quer exprimir. Na prosa machadiana, ela se torna uma estrutura, uma lente, uma arma: um dispositivo que desvela as contradições da sociedade e da existência humana. A ironia dissemina-se em quase tudo o que ele produziu e obriga o leitor a encarar o mundo por novos vieses e ângulos – se ele conseguir prosseguir na aventura chamada leitura.

À ironia soma-se uma dose imensa de liberdade criativa, inventiva e irreverente. Tudo isso se equilibra em um estilo elegante, marcado pelo uso sofisticado da língua e por um diálogo constante com o pensamento ocidental, fundindo a clareza dos gregos antigos à densidade de Shakespeare e à sofisticação da filosofia, da ciência e da ficção de seu tempo. Como ele próprio afirmou, não desejava repetir o formato dos romances de costumes nem seguir os procedimentos caros ao Romantismo. Queria mais. E é assim que, em plenos anos 1880, sua produção adquire uma maturidade extraordinária com a publicação de sua obra mais célebre: *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Esse livro é um divisor de águas na produção machadiana, não apenas porque dá voz a um “defunto autor”, mas porque oferece uma dicção provocadora, mordaz, inédita, que permanece tão atual que nos leva a suspeitar que jamais deixará de dialogar com o presente.

Nas páginas seguintes, tentarei demonstrar – através da seleção de três formidáveis contos – a espessura, a concisão e a elegância da escrita machadiana. São qualidades que o elevam à estatura de um autor universal, em diálogo com o que de melhor produziram Dostoiévski e Flaubert. Trata-se de um escritor cujos pessimismo, ambiguidade e ceticismo são traços permanentes. Machado não apenas rompeu o

what one wants to express, but in Machadian prose, it also becomes a structure, a lens, a weapon: a device that unveils the contradictions of society and human existence. Irony pervades almost everything Machado de Assis produced and compels readers to view the world from new perspectives and angles – if they are willing to embark on the adventure called reading.

To irony is added an immense dose of creative, inventive and irreverent freedom. All this is balanced by an elegant style, marked by sophisticated language and a consistent dialog with Western thought, one that melds the clarity of the ancient Greeks with the density of Shakespeare and the sophistication of the philosophy, science and fiction of his own time. As Machado himself asserted, he did not want to replicate the conventions of the novel of manners, nor to follow the procedures dear to the Romantic sensibility. He wanted more. And so, in the early 1880s, his work acquired an extraordinary maturity with the publication of his most celebrated novel, *Memórias póstumas de Brás Cubas*. This book marks a watershed in the Machadian *oeuvre*, not only because it gives voice to a “deceased author”, but because it delivers in a provocative, biting, unprecedented fashion that remains so current that it leads us to believe that it will always resonate with the present.

In the pages that follow, I will attempt to demonstrate the depth, concision and elegance of Machadian prose through a selection of three formidable short stories. These are the qualities that elevate Machado to the stature of a universal author, placing him on a par with Dostoyevsky and Flaubert – writers whose pessimism, ambiguity and skepticism are ever-present traits. Machado not only broke with illusionism in fiction and

ilusionismo da ficção e dialogou com o leitor de forma pouco confiável – exigindo perspicácia interpretativa e adiantando procedimentos *avant la lettre* –, como trouxe à baila temas que permanecem absurdamente desafiadores: loucura, escravidão, adultério, egoísmo, vaidade, valores mercantis, tempo, tensões entre os gêneros, ciúme, memória e amor.

Hoje, Machado de Assis é patrimônio da cultura brasileira: porta-voz da literatura nacional, busto de bronze em frente à Academia Brasileira de Letras (ABL) – instituição, diga-se de passagem, que criou e dirigiu até a morte –, nome de ruas, pontes e prédios públicos. Apelidado carinhosamente de “Bruxo do Cosme Velho”, foi a partir desse bairro carioca, onde viveu, que observou a sociedade e operou a sua magia: uma análise psicológica mordaz, conduzida pela narração indireta e por frases memoráveis, capazes de quebrar estereótipos (e reafirmar alguns) em uma crítica afiada à elite econômica e à pequena burguesia.

Sua obra goza de extrema contemporaneidade; lê-lo é perceber que Machado não descreveu apenas o Rio de Janeiro do Segundo Reinado, mas a estrutura perene das relações de poder no Brasil – a que denominamos colonialidade – e as experiências humanas vividas em qualquer confim do mundo, como veremos, a seguir, nas três narrativas selecionadas para este volume.

Violência, domesticidade e mercado

“Pai contra mãe” é, provavelmente, o conto mais brutal sobre a engrenagem da escravidão brasileira do século XIX e um exemplo de como tal prática era

conversed with the reader in a slightly suspect manner, demanding interpretive astuteness and anticipation of the plot *avant la lettre*, but he brought incredibly challenging themes into play: madness, slavery, adultery, vanity, commerce, time, tensions between the sexes, jealousy, memory and love.

Today, Machado de Assis is recognized as a Brazilian cultural icon: a spokesperson for national literature, a bronze bust in front of the Brazilian Academy of Letters (Academia Brasileira de Letras, ABL) – an institution, by the way, that he founded and directed until his death – names of streets, bridges and public buildings. Fondly called the “Wizard of Cosmo Velho”, it was from this Rio de Janeiro neighborhood that he observed society and worked his magic: harsh psychological analysis, driven by indirect narration and memorable phrasing, capable of shattering stereotypes (or reaffirming them) in a finely-honed critique of the financial elite and the petty bourgeoisie.

Machado’s work is extremely contemporary; to read it is to perceive that he not only described the Rio de Janeiro during the Second Empire, but the perennial nature of power dynamics in Brazil – that we call colonialism – and human experiences lived anywhere in the world, as we will see in the three stories chosen for this volume.

Violence, domesticity and the market

“Father against Mother” is probably the most brutal short story to address the inner workings of Brazilian slavery in the nineteenth century and an example of

naturalizada no final do Segundo Império. Publicada em 1906, a narrativa apresenta Cândido Neves, um homem que, incapaz de se manter em profissões estáveis, encontra na captura de escravizados fugidos o seu sustento. Ele era o que se chamava então de “capitão do mato”.

O estilo de Machado aparece aqui em toda a sua força: na escolha das palavras, no ritmo curto das frases e no uso de nomes irônicos. Cândido (do latim *candidus*, que remete ao branco e à pureza) e sua esposa, Clara, têm nomes que sugerem uma retidão que não condiz com seus atos. A violência é descrita com precisão pelo detalhar dos instrumentos de tortura da época – como a máscara de folha de flandres e os ferros de pescoço –, que expõem como o terror era uma ferramenta bem-aceita no dia a dia. Observe o tom empregado logo no primeiro parágrafo:

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha de flandres.

As páginas iniciais funcionam como uma explicação histórica. Devemos lembrar que o Rio de Janeiro era uma capital onde a escravidão estava em toda parte; os jornais noticiavam fugas e recompensas ao lado de notícias sobre a política ou o clima. Como explicam Lilia Schwarcz e Heloisa Starling,

[...] do total de 206 mil habitantes que moravam na área, 79 mil (38%) eram escravos. Ademais, bem nas cercanias do Paço ficava o Reino do Obá, [...] nessa

how said practice had become naturalized at the end of the Second Empire. Published in 1906, it tells the story of Cândido Neves, a man who, unable to keep a stable job, resorts to supporting himself by capturing runaway slaves. He was what they called a “bush-captain”.

Here Machado’s style appears in full force: in the word choice, the brisk cadence and the use of ironic names. Cândido (from the Latin *candidus*, which evokes whiteness and purity) and his wife, Clara, bear names that suggest moral uprightness, which does not align with their actions. Violence is described with precision through details of the instruments of torture of the period, such as the tin mask and neck irons, and reveals how terror was a common and widely-accepted tool of domination. Observe the tone employed in the first paragraph:

Slavery did away with certain activities and devices, as must have been the case with other social institutions. I should mention certain devices simply because they were associated with specific activities. One of them was the iron collar around the neck. Another one was the iron foot shackle. There was also the tinplate mask.

The opening pages function as a historical explanation. We must remember that Rio de Janeiro was an imperial capital where slavery permeated everything: the newspapers reported runaways and rewards beside politics and the weather. As Lilia Schwarcz and Heloisa Starling explain,

[...] 79,000 (38%) of the 206,000 people who lived in the area were enslaved. Furthermore, The Kingdom of Obá was in the immediate vicinity of the Paço, [...] according to the

região, conhecida como Pequena África, de cada três habitantes um era africano, segundo o censo de 1849.²

Na história, vemos como a miséria pressiona os personagens. Cândido e Clara não têm recursos, e a situação piora quando ela engravida. Desesperado e sem querer entregar o próprio filho à caridade na Roda dos Enjeitados, Cândido persegue Arminda, uma escravizada grávida que implora para ser libertada. Após uma luta corporal, o resultado é terrível: “No chão, onde jazia, levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta, a escrava abortou”.

O clímax do conto coloca em choque dois instintos: o desejo de Cândido de salvar seu filho da fome e o desespero de Arminda em proteger sua liberdade e o filho que carrega. O desfecho mostra a perversidade de um sistema que exigia o sacrifício de um corpo negro para manter uma família branca. Ao encerrar com a frase “nem todas as crianças vingam”, Machado usa sua ironia mais amarga para denunciar uma sociedade que transforma a dor do outro em alívio pessoal.

Importa destacar que, em “Pai contra mãe”, a violência manifesta-se de forma direta, como confronto físico entre um homem branco e uma mulher negra. Já em “Capítulo dos chapéus”, Machado de Assis desloca esse embate, com sutileza, para a esfera doméstica, onde a dominação é exercida por meio de gestos aparentemente banais e discursos naturalizados. A protagonista dessa narrativa é uma esposa dedicada, recatada e do lar. O narrador não poupa ironia ao descrever como Mariana ocupa seus dias mudando objetos de lugar, inteiramente absorvida pelos “móveis, cortinas, ornatos”. Não ambiciona ter um teto próprio,

census of 1849, in this region, known as Little Africa, one in three inhabitants was an African.²

In the story, we see how misery exerts pressure on the characters. Cândido and Clara have no income and the situation worsens when she becomes pregnant. Desperate and not wanting to deliver his own on to the charity of the Foundling Wheel, Cândido pursues Arminda, a pregnant enslaved woman, who begs for her freedom. After a physical struggle, the result is disastrous: “On the floor where she lay, overcome by fear and pain after struggling for some time, the slave miscarried.”

The climax of the story pits two instincts against each other: Cândido’s desire to save his son from hunger and Arminda’s desperate struggle to protect the freedom of the child she carries. The denouement reflects the perversity of a system that requires the sacrifice of a Black body to sustain a White family. In the final sentence, “not all children thrive”, Machado deploys his bitterest irony to denounce a society that transforms the pain of the one into the personal relief of another.

It is important to highlight that, in “Father Versus Mother”, violence manifests itself directly, as a physical confrontation between a White man and a Black woman. By contrast, in “The Chapter of Hats”, Machado de Assis subtly shifts this conflict to the domestic sphere, where domination is exercised by means of apparently banal gestures and normalized discourse. The protagonist is a reserved and dedicated housewife. The narrator spares no irony in describing how Mariana spends her days moving her possessions around, completely absorbed by “the furniture, the curtains, the ornaments”. She has

ganhar dinheiro ou sequer formula as perguntas que Virginia Woolf enunciaria pouco tempo depois, em uma conferência sobre as mulheres e a ficção: por que o sexo feminino não tinha independência nem autonomia, por que não trabalhava, por que era pobre? “O que nossas mães ficaram fazendo que não tiveram riqueza nenhuma para nos deixar? Retocando a maquiagem? Olhando vitrines? Tomando sol em Monte Carlo?”.³

Aqui, é um homem quem descreve a vida de uma mulher presa a uma triangulação típica do patriarcado, situada entre a autoridade do pai e a do marido. Mariana sequer consegue formular, com clareza, um desejo próprio. Para dramatizar – e, ao mesmo tempo, ridicularizar – essa limitação, Machado constrói a narrativa a partir de uma briga conjugal que dura exatamente um dia e parodia, de modo metalinguístico, o próprio gesto narrativo: da epígrafe de Molière, autor a quem recorre com frequência, ao pedido às musas para que o inspirem a contar o que ocorreu em uma manhã de abril de 1879. Em vez de uma narrativa épica, apresenta-se um drama burguês em miniatura, centrado na sugestão, aparentemente fútil, de mudar uma peça do vestuário masculino.

Mas o conto é mais do que uma sátira doméstica. Ele expõe um regime de poder que opera pela normalização de hábitos e valores. O episódio em aparência insignificante – o pedido da esposa para que o marido troque o chapéu, que usa há anos – revela a influência do Major Caldas, pai de Mariana, que a aconselhara a convencer o genro a abandonar o “chapéu baixo”, considerado por ele uma “abominação”. Torna-se evidente que o desejo da esposa não se constitui

no ambition to have a roof of her own, to earn her own living or even to ask the questions that Virginia Woolf would articulate shortly thereafter at a conference on women and fiction: why did women have neither independence nor autonomy, why didn't they work, why were they poor? "What had our mothers been doing then that they had no wealth to leave us? Powdering their noses? Looking in at shop windows? Flaunting in the sun at Monte Carlo?"³

Here, it is a man who describes the life of a woman as trapped in the typical patriarchal triangle, immobilized between the authority of her father and that of her husband. Mariana cannot even succeed in clearly articulating her own wishes. To dramatize – and at the same time ridicule this limitation, Machado constructs his story around a conjugal argument that lasts exactly one day and parodies his own narrative metalinguistically: from the epigraph borrowed from Molière to his plea to the Muses to inspire him to recount what happened on that April morning in 1879. Instead of an epic narrative, it is a bourgeois drama in miniature, centered on the apparently frivolous suggestion to change an item of men's clothing.

But the tale is more than domestic satire. Machado exposes a regime of power that operates by normalizing habits and values. The wife's apparently innocuous request that her husband replace a hat that he has worn for years, reflects the influence of Major Caldas, Mariana's father, who advised her to convince his son-in-law to abandon his "low hat", which he regarded as an "abomination". It soon becomes clear that Mariana's wish does not develop autonomously, but is anchored

autonomamente, mas se ancora na autoridade paterna, agora reproduzida no interior do casamento.

O marido responde pela via da “razão”; a mulher, pela da “emoção”. A recusa em abandonar o objeto não é arbitrária, mas sustentada por uma teoria pretensamente racional, que confere ao chapéu um estatuto quase metafísico:

O princípio metafísico é este: o chapéu é a integração do homem, um prolongamento da cabeça, um complemento decretado *ab eterno*; ninguém o pode trocar sem mutilação. É uma questão profunda que ainda não ocorreu a ninguém. Os sábios têm estudado tudo, desde o astro até o verme, ou, para exemplificar bibliograficamente, desde Laplace... Você nunca leu Laplace?

Com diletantismo, o marido converte o vestuário em emblema de respeitabilidade e autoridade masculina, associando moralidade, identidade e aparência. Incapaz de acompanhar tal raciocínio, Mariana sofre e procura a amiga Sofia. Esta surge como figura dissonante, relativizando a autoridade masculina ao expor seu caráter performativo e contingente. O passeio das duas pela cidade adquire, então, valor simbólico: um breve exercício de autonomia. A circulação pelo espaço público, a observação da multiplicidade de chapéus – sinédoque do gênero masculino – e o reencontro com um antigo admirador insinuam a possibilidade de uma existência alternativa, ainda que efêmera.

Essa abertura, porém, não se consolida. Mariana retorna ao espaço doméstico, ao qual associa segurança e estabilidade. Ao fim da tarde, Conrado chega do trabalho usando não o chapéu habitual, mas aquele que ela sugerira – gesto que poderia ser interpretado